



“Vago, longínquo, mas pontual como sempre”: um breve olhar sobre a ensaística joyciana

Tarso do Amaral de Souza Cruz

UERJ/Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4100-7594>

RESUMO

O presente artigo visa a apresentar de forma sucinta algumas das principais características da produção ensaística do autor irlandês James Joyce. Muito celebrado por sua produção ficcional, Joyce apresenta, em seus ensaios, uma faceta menos conhecida de sua obra, principalmente no Brasil. A publicação, em 2012, do volume *De santos e sábios* mudou consideravelmente esse panorama. Trata-se da tradução para o português de 57 textos não-ficcionais escritos por Joyce realizada por um grupo de estudiosos brasileiros da obra joyciana. Quatro ensaios presentes na coletânea são abordados neste artigo com dois propósitos que se complementam. Primeiramente, espera-se demonstrar que existe de fato uma relação intrínseca entre temas, noções e ideias que são tratados nessa parcela da produção de Joyce e o ‘projeto’ da obra joyciana como um todo, como defende Caetano Galindo. Para tanto, demonstram-se vinculações existentes entre os ensaios de Joyce e suas produções ficcional e epistolar. Por outro lado, os quatro ensaios serão também abordados para ilustrar os três principais aspectos da ensaística joyciana elencados por Kevin Barry: a política do jornalismo de Joyce; a estratégica teoria da arte de Joyce; e a análise de Joyce da história cultural irlandesa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaística; James Joyce; *De santos e sábios*.

“Indefinite, Remote, But Punctual as Always”: A Brief Look at Joycean Essayistics

ABSTRACT

This article aims to succinctly present some of the main features of James Joyce’s essayistic production. Proverbially celebrated for his fictional output, Joyce presents in his essays a facet of his work that is less known, notably in Brazil. The launching of *De santos e sábios* (2012) in Brazil has considerably altered this scenario. It is a collection of 57 non-fictional texts written by Joyce and translated into Portuguese by a group of Brazilian Joycean scholars. Throughout this article, four essays are addressed so that two distinct and complementary goals are achieved. On the one hand, the article aims to demonstrate that, as Caetano Galindo argues, there indeed is an intrinsic relation among themes, notions, and ideas present in this non-fictional portion of Joyce’s production and the overall ‘project’ of Joyce’s work. In order to do so, existing connections among Joyce’s essays and his fictional and epistolary outputs are brought into light. On the other hand, these four essays are also addressed for the purpose of illustrating the three main aspects of Joycean essayistics listed by Kevin Barry: the politics of Joyce’s journalism; Joyce’s strategic theory of art; and Joyce’s analysis of Irish cultural history.

KEYWORDS: Essayistics; James Joyce; *De santos e sábios*.

Ao citar este artigo, referenciar como: CRUZ, Tarso do Amaral de Souza. Vago, longínquo, mas pontual como sempre: um breve olhar sobre a ensaística joyciana. *Matraga*, v. 27, n. 51, p. 601-613, set./dez. 2020.

DOI: 10.12957/matraga.2020.49444

Recebido em: 22/03/2020

Aceito em: 27/05/2020

James Joyce é considerado um dos mais importantes romancistas do século XX, além de figura central para o modernismo literário. Joyce é mais conhecido por sua produção de prosa de ficção, mais especificamente, por suas quatro obras mais emblemáticas: a coletânea de contos *Dubliners – Dublinenses*, em português – originalmente publicada em 1914; o romance de forte cunho autobiográfico, e publicado em 1916, *A Portrait of the Artist as a Young Man* – já vertido para o português como *Um retrato do artista quando jovem*; aquela que é tida por muitos como sua obra magna, o romance *Ulysses*, de 1922; e *Finnegans Wake*, sua obra mais desafiadora, publicada em 1939, conhecida em português como *Finnicius Revém*.

No entanto, Joyce publicou também duas coletâneas de poemas, uma peça e vários textos não-ficcionais, que, apesar de bastante diversos entre si, formam, hoje, parte do que se conhece como a produção ensaística joyciana. Como aponta o também romancista irlandês Kevin Barry, em sua introdução para o volume *Occasional, Critical, and Political Writing* – uma coletânea de textos não-ficcionais de Joyce –, o material coletado para esse volume cobre, “embora de modo desigual, quarenta anos da vida de Joyce”¹ (2000, p. ix, nossa trad.). A levar-se em conta que Joyce morreu aos 58 anos de idade, é possível argumentar que a produção ensaística perpassa toda sua vida adulta.

As obras ficcionais de Joyce têm sido amplamente lidas, analisadas e discutidas tanto no exterior quanto no Brasil. Entretanto, se por um lado, como ressaltam Katherine Ebury e James Alexander Fraser, organizadores de *Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction*, uma coletânea de artigos críticos sobre a produção não-ficcional joyciana, publicada em 2018, o campo dos estudos joycianos no exterior já lida com a produção ensaística de Joyce desde a década de 1950 e já possui uma enorme fortuna crítica, por outro, em território nacional, essa produção ainda é muito pouco explorada ou estudada. Apenas recentemente, essa parcela da obra de Joyce passou a receber mais atenção no Brasil, onde muito pouco desse material havia sido publicado em português. O que mudou consideravelmente esse panorama foi a publicação, em 2012, do volume *De santos e sábios*. Trata-se de uma coletânea de textos não-ficcionais de Joyce organizada, traduzida e acrescida de textos críticos por tradutores e ensaístas brasileiros familiarizados com a obra joyciana.

Assim como *Occasional, Critical, and Political Writing*, organizada por Barry, *De santos e sábios* não abrange toda a produção não-ficcional de Joyce. Na verdade, como apontam os autores do artigo “*Is It Joyce We Are Reading? Non-Fiction, Authorship, and Digital Humanities*”, ambas as coletâneas “fornecem aos leitores uma coleção de textos que necessita de atualização”² (BARRY et al., 2018, p. 93, nossa trad.). Segundo Barry et al., a descoberta de novos materiais manuscritos, restrições impostas à publicação, erros prováveis de atribuição, assim como a reconsideração de textos jornalísticos não publicados de Joyce são fatores a serem levados em conta para tal atualização.

Contudo, a seleção de textos que compõe *De santos e sábios* traz uma significativa amostra da ensaística joyciana, uma vez que a produção acadêmica nacional sobre o tema é ainda hoje

¹ “albeit unequally, forty years of Joyce’s life” (BARRY, 2000, p. ix).

² “provides readers with a set of texts that requires updating” (BARRY et al., 2018, p. 93).

muito exígua. Como aponta Sérgio Medeiros, um dos organizadores e tradutores do volume, os ensaios de Joyce são praticamente “ignorados no Brasil” (2012, p. 324). Uma produção que, ainda segundo Medeiros, “preferimos ignorar completamente no século que passou” (2012, p. 324).

De santos e sábios é composto por 57 textos não-ficcionais de autoria de James Joyce produzidos entre 1896, quando Joyce tinha cerca de 14 anos de idade e ainda era um estudante em Dublin, até 1937, quatro anos antes de sua morte, quando já era um escritor consagrado. Apesar de serem textos bastante variados em seus temas e formatos, a produção ensaística de Joyce nos permite “vislumbrar os vários escritos de Joyce como sendo parte de um contínuo”³ (2018, p. 22, nossa trad.), como argumentam Ebury e Fraser, na introdução a *Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction*. O tradutor brasileiro e estudioso da obra de Joyce Caetano Galindo, por sua vez, vê os ensaios como parte integrante do ‘projeto’ da obra de Joyce.

Galindo argumenta que uma “leitura contínua da ficção de Joyce faz ver um verdadeiro ‘projeto’, executado com um grau aparente de consciência e [...] consequência” (2012, p. 301). Tal ‘projeto’, explicitado por um ‘desenvolvimento’ perceptível “no plano formal ao longo da obra de Joyce” (2012, p. 301), se transforma, tematicamente, “num sistemático aprofundamento, numa reinvestigação contínua de temas, idéias, noções” (2012, p. 301). Ainda segundo Galindo, se os ensaios de Joyce “podem ser um momento à parte dentro daquele contínuo de evolução formal, um desvio para a investigação formal [...], no caso dessas questões de fundos, temas, preocupações, eles na verdade podem ser tão partícipes da obra como quaisquer outros textos” (2012, p. 304). Sendo assim, no que diz respeito às conexões entre as parcelas ficcionais e não-ficcionais da obra de Joyce, não se trata de buscar “a ‘influência’ de uma sobre a outra”⁴ (2018, p. 20, nossa trad.), como salientam Ebury e Fraser, mas de vê-las como parte de um todo orgânico, o ‘projeto’ joyciano.

Barry, por sua vez, afirma que a produção ensaística de Joyce é composta por textos diversos que poderiam ser agrupados de várias formas sob seções que tratassem de “estética, história irlandesa, drama europeu, literatura da Inglaterra”⁵ (2000, p. ix, nossa trad.). Já os organizadores de *De santos e sábios*, Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante, apontam que o volume é composto por “conferências, ensaios, notas, cartas, poemas, redigidos originalmente em inglês, italiano e francês” (2012, p. 11). Tal variedade de textos faz com que Medeiros e Amarantes identifiquem diversas facetas do mesmo Joyce espalhadas por entre os textos: “O estudante, o crítico, o jornalista, o historiador, o polemista, o satirista, o escritor” (2012, p. 11).

Em meio a tal diversidade, Barry vê três aspectos como definidores do conjunto de ensaios de Joyce, a saber: “a política do jornalismo de Joyce; a estratégica teoria da arte de Joyce; e [...] a análise de Joyce da história cultural irlandesa”⁶ (2000, p. ix, nossa trad.). A seguir, abordaremos cada um desses três aspectos, ilustrando-os com trechos de ensaios de Joyce e vinculando-os com a produção ficcional joyciana no sentido de demonstrar que, como defende Galindo, no

³ “envisage Joyce’s various writings as being part of a continuum” (EBURY; FRASER, 2018, p. 22).

⁴ “the ‘influence’ of the one upon the other” (EBURY; FRASER, 2018, p. 20).

⁵ “aesthetics, Irish history, European drama, the literature of England” (BARRY, 2000, p. ix).

⁶ “the politics of Joyce’s journalism; Joyce’s strategic theory of art; and [...] Joyce’s analysis of Irish cultural history” (BARRY, 2000, p. ix).

que diz respeito às inquietações, assuntos e questões, eles são parte da obra de Joyce tanto quanto os textos mais conhecidos e celebrados.

O critério de seleção para a escolha dos ensaios discutidos a seguir foi o de buscar dentre os textos que compõem *De santos e sábios* uma pequena amostra que ilustrasse de modo claro os três aspectos elencados por Barry. Tal critério visa cumprir o objetivo principal deste artigo, que é apresentar de forma sucinta algumas das principais características da produção ensaística de Joyce. Sendo assim, os três aspectos enumerados por Barry podem ser tomados como um ponto de partida válido para uma abordagem introdutória à ensaística joyciana.

O primeiro dos aspectos elencados por Barry, ‘a política do jornalismo de Joyce’, pode ser vinculado particularmente a uma série de artigos que Joyce escreveu para jornais. Parte exemplar dessa produção jornalística é o conjunto formado por uma série de textos enviados ao jornal italiano *Il Piccolo della Serra*, entre 1907 e 1912, quando Joyce vivia em Trieste. Joyce, à época, já dominava o idioma italiano suficientemente bem para que Roberto Prezioso, o então diretor do jornal, solicitasse, como aponta Amarante, que o romancista “escrevesse uma série de artigos sobre a Irlanda, pois acreditava que a exposição dos males derivados do domínio imperial inglês sobre a Irlanda seria uma boa lição para os representantes do poder imperial em Trieste” (AMARANTE citado em JOYCE, 2012, p. 199). Nesse período anterior à Primeira Guerra Mundial, Trieste ainda era parte do Império Austríaco. Somente em 1918 a cidade passaria a fazer parte do território italiano.

A intenção de Joyce com os textos que publicava no *Il Piccolo della Serra* era, aponta Barry, “defender o caráter nacional da Irlanda contra sua criminalização pela Inglaterra”⁷ (2000, p. xiii, nossa trad.). Isto é, no período em que Joyce viveu em Trieste, a Irlanda ainda era uma possessão colonial britânica e, do ponto de vista de Joyce, o Império fazia questão de promover a ideia de que “os irlandeses são criminalmente violentos em caráter e que a nação pertencia ao catolicismo”⁸ (BARRY, 2000, p. xiii, nossa trad.). Joyce era frontalmente contrário às duas ideias, assim como à submissão irlandesa ao Império Britânico.

Ao todo, Joyce escreveu para o jornal nove ensaios que versam sobre assuntos que vão desde a situação colonial irlandesa, até a batalha do dramaturgo irlandês Bernard Shaw contra a censura, passando por um breve perfil de Oscar Wilde e impressões de viagem colhidas na cidade irlandesa de Galway. Em um desses ensaios, “*La Cometa dell’ Home Rule*” – vertido para o português por Dirce Waltrick do Amarante como “*O cometa do Home Rule*” –, Joyce discute o movimento pelo autogoverno autônomo irlandês. Tal movimento, explica Galindo,

era a força independente mais ativa na Irlanda da virada do século XX. O objetivo do grupo era obter um estatuto de autoadministração do reino britânico, algo semelhante ao da Escócia dos tempos atuais. Com o agravamento da situação política, as sucessivas Declarações de Autonomia (*Home Rule Bills*), quatro entre o final do XIX e o começo do XX, não mais bastaram às perspectivas dos nacionalistas, e o movimento de independência passou a ganhar mais força (GALINDO citado em JOYCE, 2012, p. 256).

⁷ “defend Ireland’s national character against its criminalization by England” (BARRY, 2000, p. xiii).

⁸ “the Irish are criminally violent in character and that the nation belongs to Catholicism” (BARRY, 2000, p. xiii).

Em “*O cometa do Home Rule*”, Joyce escreve sobre a esperança de o autogoverno irlandês ser real e finalmente posto em prática, após mais uma reviravolta na política inglesa. Essa esperança, no entanto, para Joyce, se mostra, como sugere o título do ensaio, passageira como um cometa: “Aos poucos a ideia da autonomia irlandesa foi sendo envolvida por uma pálida e tênue substancialidade e [...] viu-se alguma coisa apagada e trêmula alvorecer no oriente. Era o cometa do ‘Home Rule’ [...], vago, longínquo, mas pontual como sempre” (2012, p. 223).

Ao longo do texto, Joyce ataca tanto o que vê como a incompetência dos políticos irlandeses, quanto aqueles que tinham as rédeas da política britânica em suas mãos. Ademais, Joyce investe contra os ingleses em geral, contra “suas leis medievais, [...] sua literatura pomposa e hipócrita, e [...] seu monstruoso sistema judiciário” (2012, p. 226).

O ensaio, que é dividido em três partes, traz em sua última seção o trecho em que Joyce mais explicitamente trata da relação entre a Irlanda e a Inglaterra, um tema permanentemente presente ao longo de toda sua obra:

Por sete séculos, ela jamais foi súdito fiel da Inglaterra. Por outro lado, tampouco tem sido fiel a si mesma. Entrou nos domínios ingleses sem realmente integrar-se neles. Abandonou quase totalmente sua língua e aceitou a língua do conquistador, sem ser capaz de assimilar sua cultura nem adaptar-se à mentalidade de que essa língua é o veículo. Traiu seus heróis, sempre nas horas difíceis e sempre sem receber recompensas por isso. Obrigou seus criadores espirituais a exilar-se, unicamente para depois se ufanar deles. Serviu fielmente a um patrão apenas, a Igreja católica romana, a qual porém, costuma pagar seus fiéis a prazo (2012, p. 226).

Nesse breve trecho é possível inferir algumas das características que marcam não só a ‘política do jornalismo de Joyce’, como a obra de Joyce como um todo, a saber: uma constante crítica às consequências do domínio britânico sobre a Irlanda, inclusive no que diz respeito ao uso da língua inglesa; a ideia de traição, em particular, a noção de que a Irlanda ‘trai seus heróis’ e os força ao exílio; a relação submissa que acreditava existir entre sua terra natal e a Igreja Católica.

O tema da conturbada relação entre a Irlanda e a Inglaterra, expresso também através do uso da língua inglesa, está presente na obra ficcional joyciana. Uma das mais emblemáticas passagens em que o tema é abordado é aquela na qual o *alter ego* de Joyce, Stephen Dedalus, em *Um retrato do artista quando jovem*, ao conversar com o decano de estudos, reflete o seguinte:

A língua em que nós estamos conversando é dele antes de ser minha. Como são diferentes na boca dele e na minha voz palavras como *home*, *Christ*, *ale*, *master*! Eu não posso dizer nem escrever essas palavras sem que meu espírito se inquiete. A língua dele, tão familiar e tão estrangeira, será sempre para mim uma segunda língua. Eu não criei nem aceitei suas palavras. Minha voz as mantém afastadas. Minha alma se agita à sombra de sua língua (JOYCE, 2016, p. 232).

O entendimento expresso por Joyce em “*O cometa do Home Rule*” – segundo o qual a Irlanda ‘jamais foi súdito fiel da Inglaterra’, e que ela ‘abandonou quase totalmente sua língua e aceitou a língua do conquistador, sem ser capaz de assimilar sua cultura nem adaptar-se à mentalidade de que essa língua é o veículo’ – parece ser de fato corroborado pelos pensamentos de Stephen Dedalus. Em ambos os textos Joyce externa o incômodo causado pelo uso da língua inglesa na

Irlanda e/ou por um irlandês, assim como a conflituosa relação entre o poder imperial e a nação colonizada.

Já no tocante à Irlanda trair seus heróis e obrigar seus ‘criadores espirituais a exilar-se’, é válido salientar que Joyce acreditava ter efetivamente sido traído por sua pátria, que, por suas características e tradições, não foi capaz nem de lhe propiciar o ambiente necessário para sua produção artística, nem de apreciar devidamente sua obra. Em uma carta com data de 16 de setembro de 1904, enviada àquela que viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos, Nora Barnacle, Joyce já escrevera que ele tinha a impressão de lutar “contra todas as forças religiosas e sociais na Irlanda” (2013, p. 44). Na sequência, afirma sobre sua terra natal: “Não há vida aqui” (2013, p. 44).

Conseqüentemente, logo Joyce se viu forçado a se exilar da Irlanda. Em carta a seu irmão Stanislaw, datada de 28 de fevereiro de 1905 e escrita da cidade de Pula – à época, parte do Império Austríaco, hoje, território croata –, Joyce afirma o seguinte: “Passei a aceitar minha situação atual como um exílio voluntário”⁹ (1992, p. 56, nossa trad.). Na verdade, Joyce via o “exílio como condição artística”, como aponta seu mais importante biógrafo, Richard Ellmann (1989, p. 78). Não fortuitamente, Joyce produz a maior parte de sua obra em solo estrangeiro, longe da Irlanda, em um ‘exílio voluntário’.

A visão crítica de Joyce a respeito da relação entre a Irlanda e a Igreja Católica expressa nas últimas linhas do trecho de “*O cometa do Home Rule*” citado acima além de estar igualmente presente em cartas, como exposto acima, é abordada de forma reiterada na parcela ficcional da obra de Joyce, em especial em *Um retrato do artista quando jovem*. Nesse romance, acompanhamos o amadurecimento de Stephen Dedalus em meio à sociedade e aos círculos educacionais irlandeses, fortemente marcados pela presença dos preceitos católicos. A todos eles, Stephen luciferinamente declara: “Eu não vou servir” (JOYCE, 2016, p. 291).

“*O cometa do Home Rule*” exemplifica muito bem os principais aspectos da ‘política do jornalismo de Joyce’ não só por ilustrar alguns dos temas recorrentes da produção joyciana publicada em forma de ensaios em jornais, mas, também, por demonstrar que, de fato, temas, ideias e noções tão presentes e caros à obra ficcional de Joyce são igualmente abordados em sua produção ensaística. Os outros dois aspectos da ensaística joyciana também corroboram essa afirmativa. Por exemplo, o segundo aspecto elencado por Barry – ‘a estratégica teoria da arte de Joyce’ – pode ser ilustrado por outro ensaio escrito por Joyce: “*Drama and Life*” – “*Drama e vida*”, em português.

Esse texto, escrito no início de 1900 para ser lido diante da Associação de História e Literatura do University College de Dublin, é acertadamente descrito por Medeiros como “uma das mais importantes manifestações” (MEDEIROS citado em JOYCE, 2012, p. 39) das convicções artísticas de Joyce. Nele, Joyce desenvolve uma série de ideias acerca da produção artística que estariam, a partir de então, intrinsecamente relacionadas a seu fazer literário. A mais importante dentre elas é a concepção joyciana de drama. Escreve Joyce: “Por drama, entendo a ação recí-

⁹ “I have to accept my present situation as a voluntary exile” (JOYCE, 1992, p. 56).

proca das paixões, visando representar a verdade; o drama é conflito, evolução, movimento em qualquer sentido” (2012, p. 42-43). Joyce vai além e defende a seguinte ideia:

qualquer que seja o tom das paixões, a ordem da ação ou a qualidade da dicção, se uma obra dramática ou musical, ou pictórica, representa as esperanças, os desejos e os ódios eternos de todos nós, ou busca a representação dos símbolos de nossa natureza amplamente relacionada, que são fases dessa natureza, então temos o drama. (2012, p. 42)

Nessa passagem, Joyce, ao tratar das ‘esperanças, os desejos e os ódios eternos de todos nós’, explicita o caráter basicamente essencialista de seu conceito ao, não só afirmar que existem esperanças, desejos e ódios eternos comuns a todo ser humano, além de uma natureza humana igualmente comum e compartilhada, mas, também, que tais elementos podem ser buscados e representados. Na verdade, no entender de Joyce, é na representação de tais elementos que se instaura o drama, é nela e a partir dela que o drama se dá.

Por outro lado, a passagem aponta ainda para uma distinta e importante direção. Ao defender que o drama ‘representa as esperanças, os desejos e os ódios eternos de todos nós ou busca a representação dos símbolos de nossa natureza’, e que tal representação ou busca se dá ‘qualquer que seja o tom das paixões, a ordem da ação ou a qualidade da dicção’, Joyce abre caminho para que o drama se relacione com efetivamente qualquer tom de paixão, ordem de ação ou qualidade de dicção, e não só com as supostamente belas, certas e/ou apropriadas paixões, ações e/ou dicções. Isto é, apesar de desenvolver um conceito basicamente essencialista de drama e, na verdade, exatamente por ser seu conceito essencialista, Joyce também pretende o afastar de um certo moralismo, algo que fica claro com o desenrolar de seu texto.

Sentencia Joyce: “Em primeiro lugar, livremo-nos dos artifícios e expulsemos as mentiras nas quais até então acreditamos. Vamos criticar como um povo livre, como uma raça livre, fazendo pouco caso de fêrulas e fórmulas” (2012, p. 43). Joyce, ao encarar o drama como essencialmente metafísico, o coloca, por isso mesmo, em um lugar, para usar a famosa construção nietzschiana, além do bem e do mal. Um lugar onde os artifícios e ‘as mentiras nas quais até então acreditamos’ não o podem alcançar. Joyce abre, assim, do seu ponto de vista, caminho para uma concepção livre de drama, uma concepção livre de arte, livre das regras e julgamentos morais tradicionais.

É importante ressaltar, no entanto, que o entendimento de drama promovido por Joyce pressupõe ‘um povo livre’, ‘uma raça livre’. Pode-se facilmente associar tal pressuposição tanto ao anseio pela liberdade dos irlandeses, em 1900 ainda sob o domínio do Império Britânico, quanto à onipresente influência dos valores católicos na sociedade irlandesa de então – algo que, como já mencionado, incomodava Joyce profundamente. Essa suposição corrobora o que o crítico literário inglês Andrew Gibson argumenta em relação aos ensaios de Joyce, isto é, que eles “repetidamente revelam-se ser sobre a Irlanda, sua história e perspectivas, sua política e cultura, sua relação com a igreja e o poder colonial e, talvez acima de tudo, o lugar da arte na Irlanda que Joyce conhecia”¹⁰ (2006, p. 42, nossa trad.).

¹⁰ “repeatedly turn out to be about Ireland, its history and prospects, its politics and culture, its relation to the Church and the colonial power and, perhaps above all, the place of art in the Ireland Joyce knew” (GIBSON, 2006, p. 42).

Ellmann afirma que “*Drama e vida*” “é a mais intensa afirmação de Joyce sobre método e intenção, na juventude” (1989, p. 101); “Sua defesa de matérias contemporâneas, [...] sua aversão às convenções, sua insistência em que as leis da vida são as mesmas sempre e por toda parte, mostram que está pronto para fundir pessoas reais com míticas e assim tornar todos os séculos um” (1989, p. 101) – algo que Joyce promove, em diferentes medidas, em suas mais emblemáticas obras. Ellmann corrobora ainda a ideia de que, a partir da concepção de drama exposta no texto, Joyce “manteve-se fiel a seu princípio, tornando todos os seus romances dramáticos” (1989, p. 101).

Finalmente, o terceiro aspecto listado por Barry acerca da produção ensaística joyciana – ‘a análise de Joyce da história cultural irlandesa’ – pode ser muito bem exemplificado pelos ensaios sobre o poeta James Clarence Mangan escritos por Joyce. Antes de abordarmos os ensaios em si, ocupemo-nos brevemente de Mangan, um poeta não tão conhecido fora da Irlanda.

As opiniões sobre o poeta irlandês James Clarence Mangan e sua obra são, até hoje, bastante controversas. O poeta foi homenageado com um busto em sua cidade natal, Dublin, além de já ter sido celebrado por escritores do porte de William Butler Yeats e do próprio Joyce. Por outro lado, não é preciso muito esforço para constatar que Mangan não é, atualmente, um dos principais nomes vinculados à literatura Irlandesa. Seu nome está longe de ser tão conhecido, lembrado ou celebrado quanto os de seus célebres compatriotas literatos: Oscar Wilde, Samuel Beckett e os já citados Yeats e Joyce. De toda a forma, Mangan foi de fato um poeta de certo prestígio e alguns de seus poemas são até os dias de hoje antologizados.

Mangan tinha como prática recorrente ‘traduzir’ poemas, textos de diversos idiomas, até mesmo de idiomas que não dominava, como o árabe. Muitas dessas ‘traduções’, acabaram por ser tratadas como obras autorais do próprio Mangan. A título de exemplo, podemos citar um dos poemas mais recorrentemente vinculados a Mangan: *Dark Rosaleen* – uma inflamada ode à Irlanda em que, como aponta Don Gifford, Rosaleen, “o objeto do amor e da devoção do eu-lírico, é a personificação da Irlanda”¹¹ (1989, p. 324, nossa trad.). *Dark Rosaleen* é uma das ‘traduções’ de Mangan: segundo Gifford, trata-se de uma versão de um “poema irlandês anônimo do século XVI”¹² (1989, p. 324, nossa trad.).

Contudo, se a obra de Mangan chegou realmente a ser celebrada, há quem veja nessa celebração uma apropriação da figura e da obra do poeta para fins nacionalistas. É fácil perceber o porquê de tal apropriação, caso levemos em conta um poema como *Dark Rosaleen*. Isto é, trata-se, ao mesmo tempo, de uma ode à Irlanda e de um resgate de uma produção cultural supostamente autóctone em sua essência. Tanto a apropriação nacionalista de Mangan quanto a obra e a figura do próprio poeta foram fonte de interesse para Joyce.

Na faceta ficcional da obra joyciana é possível identificar menções a Mangan e/ou a seus poemas ao menos em duas obras diferentes: *Dubliners* e *Ulysses*. Tais referências e alusões vão de menções ao sobrenome do poeta a elaboradas citações literais de títulos e versos de seus

¹¹ “Rosaleen, the object of the speaker’s love and devotion, is a personification of Ireland” (GIFFORD, 1989, p. 324).

¹² “an anonymous sixteenth-century Irish poem” (GIFFORD, 1989, p. 324).

poemas. Foi, no entanto, em sua produção ensaística que Joyce deu mais atenção a Mangan: ele escreveu dois ensaios sobre Mangan, em 1902 e 1907.

O primeiro é intitulado “*James Clarence Mangan*” e o segundo, “*Giacomo Clarenzio Mangan*”, ou seja, o que Joyce entendia como a versão em italiano do nome do poeta irlandês. Ambos os ensaios foram escritos no intuito de serem proferidos como comunicações: o de 1902, assim como “*Drama e vida*”, foi concebido como uma conferência a ser proferida na Associação de História e Literatura do University College de Dublin; o segundo, escrito originalmente em italiano, destinava-se a uma conferência na Università Popolare de Trieste.

O texto integral do primeiro ensaio foi efetivamente proferido e publicado ainda em 1902 e chegou à contemporaneidade em sua forma integral. Já o ensaio em italiano, não chegou até nós completo. Como afirma o tradutor brasileiro André Cechinel, que verteu o texto de 1907 para o português, trata-se de um “manuscrito incompleto de 24 páginas com grande número de correções” (CECHINEL citado em JOYCE, 2012, p. 187).

Segundo Ellmann, com seu primeiro ensaio sobre Mangan, Joyce quis “desenvolver uma teoria das necessidades artísticas da Irlanda ao mesmo tempo em que descreve e defende a infeliz carreira de Mangan” (1989, p. 130). Já de acordo com o crítico literário estadunidense Eric Bulson, nesse ensaio, “Joyce discutiu a negligência e a traição irlandesas para com seus heróis literários”¹³ (2009, p. 5, nossa trad.). Ainda segundo Bulson, Joyce “minimizou o papel de Mangan enquanto um patriota irlandês e o qualificou, em vez disso, como um exilado desprezado por um público ignorante e hostil”¹⁴ (2009, p. 5, nossa trad.). É claro notar não só como o tema da traição irlandesa se faz novamente presente, mas, também, como Joyce transfere para o retrato de Mangan que desenvolve muito da persona que criaria para si – o artista exilado e menosprezado pelo público ignorante e hostil de sua terra natal.

No entanto, mais importantes do que seu parcial retrato de Mangan parecem ser as ideias sobre poesia e arte que Joyce veicula nesse ensaio – algumas delas já apresentadas em “*Drama e vida*”. Nesse seu primeiro ensaio sobre Mangan, Joyce desenvolve tais ideias. Outras noções, Joyce apresenta pela primeira vez. Ambos os grupos de ideias estariam desse ponto em diante intrinsecamente vinculados não só às suas concepções artísticas, quanto ao seu próprio fazer literário.

Uma das passagens mais claras nesse sentido é aquela em que Joyce explicita sua crença na arte como conflito, como proveniente do conflito, como intrínseca e essencialmente conflituosa. Segundo Joyce, a poesia “é sempre [...] uma revolta, em certo sentido contra a realidade” (2012, p. 84). Além desse comentário sobre poesia, Joyce trata de outro aspecto de importância crucial para sua obra: a história.

Nas palavras de Joyce, a poesia, “como sempre se encontra em guerra com seu próprio tempo, não leva em conta a história [...], mas se fixa em períodos menores que o pulsar de uma artéria” (2012, p. 84). Joyce também faz a seguinte declaração acerca da relação entre o artista e

¹³ “Joyce discussed the Irish neglect and betrayal of its literary heroes” (BULSON, 2009, p. 5)

¹⁴ “He downplayed Mangan’s role as an Irish patriot and cast him instead as an exile scorned by an ignorant and hostile public” (BULSON, 2009, p. 5).

a história: “A história o envolve de maneira tão sufocante que nem mesmo nos seus momentos mais intensos se libera dela” (2012, p. 85). A visão de Joyce, marcadamente contraditória, está no cerne do tratamento que ele faz da história em sua obra. Tratamento esse que claramente começa a ser articulado nesse primeiro artigo sobre Mangan.

De acordo com o poeta e acadêmico estadunidense James Fairhall, o “problema central na vida de Joyce”¹⁵ (1999, p. xii, nossa trad.) era, na verdade, “situar-se em relação à história”¹⁶ (1999, p. xii, nossa trad.). O poeta, romancista e crítico literário irlandês Seamus Deane, por sua vez, argumenta que Joyce é “hostil ao fato, à história, ao que aconteceu, às restrições que o passado colocou sobre a possibilidade... A história é uma traição da possibilidade”¹⁷ (DEANE citado em FAIRHALL, 1999, p. 33, nossa trad.). Acrescenta Fairhall:

Um jovem idealista criado em meio à tradição nacionalista católica irlandesa, que tinha de cor o registro das frustradas rebeliões irlandesas contra a opressão britânica [...] – tal homem pode muito bem ter visto a história irlandesa como uma sucessão de possibilidades usurpadas por uma realidade intolerável¹⁸ (1999, p. 33-34, nossa trad.).

Fairhall complementa seu raciocínio afirmando que Joyce, o “jovem idealista que estabelece uma distância entre si mesmo e a Irlanda para escrever sobre ela [...], teve que reconhecer tanto o pesadelo do passado de seu país, quanto os contos nacionalistas [...] que reinterpretavam e, em parte reprimiam, o passado”¹⁹ (1999, p. 34, nossa trad.).

Ao lermos, em seu primeiro ensaio sobre Mangan, as ideias de Joyce sobre como a história envolve o artista “de maneira tão sufocante que nem mesmo nos seus momentos mais intensos se liberta dela” (2012, p. 85), é-nos possível perceber o caráter opressivo que ele vê na história e, conseqüentemente, é-nos igualmente possível validar as palavras supracitadas de Fairhall. Ademais, ao escrever, em seu primeiro ensaio sobre Mangan, que a poesia é uma revolta contra a realidade, que ela se encontra sempre ‘em guerra com seu próprio tempo’ e que ela ‘não leva em conta a história’, Joyce coloca a história, a realidade histórica, no centro de sua concepção de poesia, mesmo que seja como algo contra o qual o artista deva lutar.

Quando Fairhall argumenta que o “situar-se em relação à história”²⁰ (1999, p. xii, nossa trad.) era “problema central na vida de Joyce”²¹ (1999, p. xii, nossa trad.), é possível dar-lhe, ao menos, um pouco de razão, dado que a poesia, a criação literária, a arte que viria a se tornar um dos elementos centrais da vida de Joyce, se não o elemento central, tem para ele uma relação intrínseca com a história. O tema da necessidade de se desvencilhar do ‘pesadelo da história’ permearia to-

¹⁵ “The central problem in Joyce’s life” (FAIRHALL, 1999, p. xii).

¹⁶ “situating himself in relation to history” (FAIRHALL, 1999, p. xii)

¹⁷ “hostile to fact, to history, to what has happened, to the restriction which the past has placed upon possibility... History is a betrayal of possibility” (DEANE apud FAIRHALL, 1999, p. 33).

¹⁸ “An idealistic young man raised in the Irish Catholic nationalist tradition, who knew by heart Ireland’s record of failed rebellions against British oppression [...] – such a man might well have seen Irish history as a succession of possibilities usurped by an intolerable reality” (FAIRHALL, 1999, p. 33-34).

¹⁹ “Young idealist who put distance between himself and Ireland in order to write about her [...], had to acknowledge both the nightmare of his country’s past and the nationalistic tales [...] which reinterpreted and in part repressed that past” (FAIRHALL, 1999, p. 34).

²⁰ “situating himself in relation to history” (FAIRHALL, 1999, p. xii).

²¹ “The central problem in Joyce’s life” (FAIRHALL, 1999, p. xii).

da a obra joyciana – é hoje famosa a passagem em que Stephen Dedalus, em *Ulysses*, afirma o seguinte sobre a história: “um pesadelo de que eu estou tentando acordar” (JOYCE, 2012, p. 137). Como o primeiro ensaio sobre Mangan deixa claro, tal concepção da história já se fazia presente nos próprios textos críticos da juventude do ainda então aspirante a escritor James Joyce.

Cinco anos após a publicação de seu primeiro ensaio sobre Mangan, quando Joyce já havia abandonado a Irlanda e vivia em Trieste, ele revisou seu primeiro texto sobre Mangan e o verteu para o italiano para apresentar outra conferência que tinha o poeta como tema principal. Se a maioria dos pontos são basicamente os mesmos em ambos os textos, há a presença de alguns elementos e alterações dignos de notas nesse segundo ensaio.

Apesar de nesse segundo texto Joyce se referir a Mangan como o “poeta nacional” (2012, p. 188) da Irlanda, como “o homem que considero o mais importante poeta do mundo celta moderno, e um dos líricos mais inspirados do mundo inteiro” (2012, p. 191), Mangan lhe parece, nesse segundo momento, como aponta Cechinel, “uma grande figura simbólica, cujos versos expressam as dores, as aspirações e as limitações do seu povo” (CECHINEL citado em JOYCE, 2012, p. 187). Nas palavras de Joyce: Mangan “É um romântico, um mensageiro *manqué*, o protótipo de uma nação *manqué*” (2012, p. 198). Isto é, um mensageiro falho, o protótipo de uma nação falha.

Joyce, que, como já mencionado, vinculava o exílio à arte, ao tratar de Mangan, refere-se a si mesmo como “um compatriota exilado” (2012, p. 188). Ou seja, neste ponto de sua vida, em 1907, Joyce já havia saído da Irlanda e já havia começado a produzir seus primeiros textos ficcionais, que já estavam se não completos, ao menos, em curso. Desse grupo de textos podemos destacar contos que compoem *Dubliners*, assim como sua primeira narrativa autobiográfica ficcional de maior fôlego, *Stephen Hero* – que daria origem a seu primeiro romance, *Um retrato do artista quando jovem*. Sendo assim, Joyce não mais se associa a Mangan no sentido de transferir para o poeta um projeto do que pensava que poderia vir a ser – isto é, um escritor exilado e desprezado pelo ignorante público de sua terra natal –, mas já se entendia como preenchendo um dos requisitos que via como necessários para a efetiva prática artística e que, em certa medida, o vinculava a Mangan: o exílio.

Além disso, é nesse segundo ensaio que Joyce desenvolve e expõe ainda mais sua concepção acerca do poeta – não o poeta Mangan somente, mas, qualquer poeta. Primeiramente, Joyce se refere a Mangan como “o centro espiritual de seu tempo” (2012, p. 196), explicitando que um poeta não só poderia ocupar tal posição, como Mangan de fato chega a ocupá-la. Mais do que isso, Joyce afirma que “O propósito principal do poeta é libertar-se da influência nefasta desses ídolos que corrompem por dentro e por fora” (2012, p. 197). Tais ídolos, nas palavras do próprio Joyce seriam “a sucessão das épocas, o espírito do tempo, a missão da raça” (2012, p. 197). Isto é, a concepção de Joyce acerca da poesia como revolta contra a realidade histórica é confirmada e ampliada.

Os dois ensaios sobre Mangan ilustram o que Barry denominou ‘a análise de Joyce da história cultural irlandesa’ que caracterizaria parte da ensaística joyciana não só por apresentar duas percepções distintas sobre um ícone da cultura irlandesa, mas, também, por explicitar noções joycianas que vão desde a Irlanda e sua relação com seus artistas, a concepções sobre a poesia,

história e suas vinculações. Tais noções e concepções, como apontado anteriormente, permeiam toda a produção literária de Joyce, de seus ensaios a suas obras mais celebradas.

Como tentamos ilustrar com os breves trechos dos quatro ensaios discutidos acima, os três aspectos da ensaística joyciana elencados por Barry de fato nos fornecem um bom meio para nos introduzirmos nessa parcela da produção de Joyce. Além disso, esperamos, com o presente artigo não só expandir a “percepção dos âmbitos amplos da não-ficcionalidade incorporados àquelas obras literárias de Joyce com que estamos mais diretamente familiarizados”²² (2018, p. 73, nossa trad.), como aponta Hans Walter Gabler, mas, também, fomentar o interesse pela ensaística joyciana e contribuir para um maior (re)conhecimento dessa parcela tão instigante da obra de Joyce.

REFERÊNCIAS

- BARRY, Kevin. Introduction. In: JOYCE, James. **Occasional, Critical, and Political Writing**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. ix-xxxii.
- BARRY, Kevin et al. Is It Joyce We Are Reading? Non-Fiction, Authorship, and Digital Humanities. In: EBURY, Katherine; FRASER, James Alexander (eds.) **Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 93-107.
- BULSON, Eric. **The Cambridge Introduction to James Joyce**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- EBURY, Katherine; FRASER, James Alexander. Introduction. In: EBURY, Katherine; FRASER, James Alexander (eds.). **Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 1-28.
- EBURY, Katherine; FRASER, James Alexander (eds.). **Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction**. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- ELLMANN, Richard. **James Joyce**. Tradução por Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989.
- FAIRHALL, James. **James Joyce and the Question of History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- GABLER, Hans Walter. “He chronicled with patience”: early Joycean Progressions Between Non-Fiction and Fiction. In: EBURY, Katherine; FRASER, James Alexander (eds.) **Joyce’s Non-Fiction Writings: Outside His Jurisdiction**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 55-75.
- GALINDO, Cateano. Se ensaia. In: JOYCE, JAMES. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 301-313.
- GIBSON, Andrew. **James Joyce – Critical Lives**. London: Reaktion, 2006.
- GIFFORD, Don. **Ulysses Annotated: Notes for James Joyce’s Ulysses**. Berkeley: University of California Press, 1989.

²² “perception of the wide realms of non-fictionality that embed those of Joyce’s literary works with which we are most readily familiar” (GABLER, 2018, p. 73).

JOYCE, James. **Cartas a Nora**. Tradução de Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2013.

JOYCE, James. A política e as doenças do gado. Tradução por Caetano W. Galindo. In: JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 255-258.

JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012.

JOYCE, James. Drama e vida. Tradução por Sérgio Medeiros. In: JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 30-47.

JOYCE, James. James Clarence Mangan. Tradução por Dirce Waltrick do Amarante. In: JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 77-86.

JOYCE, James. James Clarence Mangan (2). Tradução por André Cechinel. In: JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 187-198.

JOYCE, James. **Occasional, Critical, and Political Writing**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JOYCE, James. O cometa do Home Rule. Tradução por Dirce Waltrick do Amarante. In: JOYCE, James. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 223-227.

JOYCE, James. **Selected Letters of James Joyce**. London: Faber and Faber, 1992.

JOYCE, James. **Ulysses**. Tradução por Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Tradução por Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

MEDEIROS, Sérgio. Joyce e o barulho. In: JOYCE, JAMES. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 323-325.

MEDEIROS, Sérgio; AMARANTE, Dirce Waltrick do. Introdução. In: JOYCE, JAMES. **De santos e sábios**. Tradução por André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012, p. 11.